

# Sarney deve falar à Nação

Ele usa a tv antes da eleição mas não pedirá votos

LEONARDO MOTA NETO  
Repórter Especial

O presidente Sarney deverá fazer um pronunciamento à Nação, antes das eleições de 15 de novembro, não para pedir votos, mas para reafirmar a importância da Assembleia Nacional Constituinte como formuladora do processo de institucionalização democrática do País. Em vez de um líder político à cata de votos para seus candidatos da Aliança Democrática, Sarney aparecerá no vídeo como um estadista, acima dos partidos políticos, para pedir aos eleitores reflexão e consciência no ato de dar seu voto de confiança, pois estará contribuindo para a remodelação institucional brasileira.

O pronunciamento do Presidente da República está sendo estudado por sua assessoria como forma do exercício do poder moderador a que Sarney se entregou, em hora propícia, para evitar ser tutelado pelo PMDB, partido que deverá sair das eleições com quatro quintos dos governadores e dois terços da Constituinte eleitos.

O papel presidencial é de um estadista que enxerga o atual curso da transição democrática do País como um magistrado que não se envolve nas questões do poder, travadas entre PMDB e PFL, ou entre os

segmentos da Aliança e os brizolistas-petistas. No fundo, o presidente gostaria de ter aliados em todos esses redutos para viabilizar a grande obra de institucionalização do regime civil democrático no País, em busca de sua modernidade, como oitava potência econômica mundial que no entanto ainda conserva guetos internos que a tornam ora uma Bélgica, ora uma Biafra.

O Presidente considera a questão de seu mandato, por exemplo, uma decorrência natural desse estado de espírito em favor da reconstrução do País. Não é um tema que deva ser emocionalmente aflorado no dia seguinte às eleições, como instrumento do exercício de poder tutelar do PMDB sobre o atual governo.

No fundo, e na forma, o atual êxito eleitoral do PMDB, refletido nas pesquisas eleitorais, é reflexo do Plano Cruzado e dos índices de popularidade do presidente Sarney. Não é obra e graça da participação política dos líderes do PMDB nos últimos meses de debates e realizações do governo sobre a reforma da economia nacional. Nenhum deles de fato tomou parte nas reuniões para efetivação do Plano Cruzado, mas, ao contrário, faziam reuniões paralelas de trabalho para examinar

uma maneira de o PMDB se desengajar da imagem do governo Sarney. O Plano Cruzado fez todos os proceres que assim pensavam correr apressados de volta ao Palácio do Planalto.

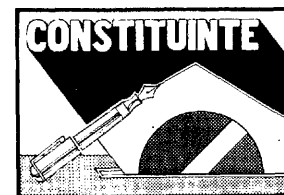
Sarney, no entanto, é um político que não guarda rancores. O exercício do poder o tornou um estadista sem passado de divisionismos e revanches. A única exceção pode ser o Maranhão, mas lá o Presidente ainda fez tudo para promover uma ampla aliança política incluindo até o PDS. Fracassou, pela visão paroquial de seus adversários, que não entenderam ser sua atual missão federal um culto à conciliação nacional, como herança estrita da ascensão de Tancredo Neves pelo poder.

Homem público sem ódios nem arestas, Sarney quer ver seus amigos eleitos em todos os estados e em todos os partidos. Mas não precisa exatamente de um "partido do Sarney": assim, estaria isolando um segmento político expressivo do diálogo que se seguirá às próximas eleições, e necessário para a obra de revisão institucional do País.

Por isso o discurso se impõe, para pedir a atenção dos eleitores para a importância que terá a Constituinte, como ponto de en-

contro de todas as tendências refletidas nas urnas pelo povo brasileiro. O governo fará o seu papel, presidindo a eleição livre e limpa em que jogará o prestígio de muitos de seus aliados, hoje ministros importantes. Mas não jogará a sorte de sua estabilidade política, pois entende o Presidente que um homem de Estado não deve comprometer a solidez e a dignidade do poder ao travar contato com questões que devem ser da órbita exclusiva dos constituintes, como a do mandato presidencial, de 4, 5 ou 6 anos.

É claro também que o presidente Sarney não quer avivar desde logo um debate sobre uma próxima reforma ministerial. Não é segredo que o Presidente está descontente com o desempenho da máquina administrativa, e alguns de seus titulares. Mas não passa ainda pela sua cabeça mudar o ministério. A consideração sobre os resultados eleitorais, e a nova correlação de forças que se estabelecerá no País, é evidente, levarão Sarney a rever muitos dos atuais pesos do governo, notadamente no segundo e terceiro escalões, onde se localizam os pontos mais sensíveis da resistência da máquina administrativa às ordens do Presidente, inclusive em escalada ideológica.



## PMDB não vai exigir cargos

O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, negou que o seu partido, em função dos resultados eleitorais, possa fazer 'cobranças fisiológicas' ao Governo, referindo-se às especulações de que uma eventual vitória da legenda na maioria dos Estados levará a exigir mais ministérios do presidente José Sarney.

O deputado Ulysses Guimarães disse que o PMDB, mesmo sendo partido do Governo, e, por isso mesmo, não deixará de fazer cobranças para que esse mesmo Governo continue avançando no campo social e econômico.

O PMDB, segundo Ulysses, nunca deixou de cobrar do Governo, por exemplo, um avanço na política econômica e acredita que muito em função dessas cobranças é que o Governo optou pelo programa de estabilização econômica, que "redimiu o povo dos malefícios do passado".